



## SICORUCA, O MENINO À PROCURA DO CORAÇÃO

Era uma vez um menino chamado Sicoruca, que era um pouco diferente dos outros meninos. Ele tinha asas e vivia no país dos arco-íris azuis.

Sicoruca não sabia onde estava o seu coração. Não tinha amigos — era vizinho dos pássaros e passava os dias a cantar com eles. Pode dizer-se que eram os pássaros os seus amigos, pois era com eles que falava, enquanto comia tiras de arco-íris azuis.

Certo dia, no seu lugar preferido — um ramo de carvalho no meio do prado verdejante —, Sicoruca ouviu a conversa de uma mãe e de um filho que por ali passeavam:

— Mãe, de que tamanho é o nosso coração?

— O nosso coração é mais pequeno que uma baleia e maior do que uma abelha. É do tamanho do tempo, da nossa vida, dos amigos que lá cabem dentro...

Sicoruca ficou triste. Pensou na sua vida. E perguntou-se: *Terei eu um coração?*

Ainda tentou saber junto dos pássaros onde poderia encontrar um, mas eles só sabiam de comida e de coisas do céu — não sabiam responder. (*Talvez os pássaros não fossem verdadeiros amigos...*)

Decidiu então recolher as asas, pôr os pés no chão e seguir caminho até à cidade de ZZZZ, onde poderia consultar uma blupédia — que é como se chamam as enciclopédias no país dos arco-íris azuis —, a fim de saber como se encontra um coração. Pelo caminho, cruzou-se com a mãe e o filho do prado:

— Muito bom dia! — disseram. E Sicoruca seguiu viagem.

Andou, andou, andou... até que chegou a uma ponte. E logo apareceu o Troll, que gritou:

— ALTO! Não podes passar sem responder ao meu enigma:

**O que é que tem quatro pernas de manhã, duas pernas à tarde e três pernas à noite?**

— Senhor Troll, não estou a ver... Posso pedir ajuda a alguém?

— Podes pedir três ajudas. Mas, se falhares, à terceira... é *game over*.

Sicoruca olhou em volta, à procura de ajuda. No rio, avistou a Baleia-de-água-doce.

— Baleia, conheces o Troll que vive aqui em cima da ponte?

— Conheço muito bem. Ele cheira a chulé...

— Pois... ele fez-me uma pergunta.

— Ah, deve ser aquela das pernas. Mas não sei a resposta, eu só tenho barbatanas. Mas isto das barbatanas também é muito fixe, sabes? Queres dar uma volta?

E lá foi Sicoruca, muito bem instalado dentro da boca da Baleia — o sítio mais confortável para se viajar de baleia no país dos arco-íris azuis. E enquanto viajavam rio acima e rio abaixo, a baleia contava histórias:

— Aagahhharrhaahla ahg ghraeba...

Sicoruca não apanhou tudo, porque a Baleia falava de boca escancarada, mas o passeio foi muito bonito.

Três dias passaram. Sicoruca achou que era tempo de retomar a sua demanda. Agradeceu à Baleia, que carinhosamente lhe disse:

— Volta sempre, Sicoruca!

Já em terra firme, encontrou o Lobo-rosa-de-pintas-verdes.

— Senhor Lobo, conhece o Troll da ponte?

— Sim, conheço muito bem. Ele cheira a chulé dentro da boca.

— Já ouvi dizer... Ele fez-me uma pergunta sobre o número de pernas...

Também o Lobo não sabia a resposta. Mas convidou Sicoruca a conhecer coisas que ele sabia. E assim foi. Sicoruca subiu para as costas do Lobo e, durante três dias, percorreu montanhas e vales.

Mas ainda não achara a resposta e tinha mesmo de continuar a tentar. Agradeceu muito ao Lobo, que carinhosamente lhe disse:

— Volta sempre, Sicoruca!

Faltava-lhe só uma ajuda. Lembrou-se então da mãe e do filho do prado verdejante, e voltou para junto do carvalho. Como passeavam lá todos os dias, não foi difícil encontrá-los.

— Senhora, conhece o Troll da ponte?

— Sim... é aquele que cheira muito mal da boca, não é?

— Parece que sim...

E Sicoruca contou-lhe do enigma que precisava de resolver para poder passar a ponte. Infelizmente, a senhora também não sabia a resposta, mas convidou-o para lanchar em sua casa, onde vivia a sua mãe, já muito velhinha — talvez ela soubesse, porque os mais velhos guardam muita sabedoria.

Sicoruca foi bem recebido naquela casa. Conversou com todos: com a avó — tão velhinha, que usava bengala —, com o pai, com a mãe, com o filho... e até brincou com o bebé — ainda tão pequenino que nem andava. Contou as suas viagens com a Baleia e o Lobo, e ouviu muitas histórias.

Foi tão bom, que três dias passaram a voar. Estava na hora de seguir caminho. Agradeceu muito à Família, que carinhosamente lhe disse:

— Volta sempre, Sicoruca!

No regresso à ponte, Sicoruca recordava tudo o que vivera... e pensava no enigma.

A avó, a mãe, o pai, o filho, o bebé... o enigma...

A avó, a mãe, o pai, o filho, o bebé... o enigma...

E de repente, as pernas encaixaram-se na sua cabeça:

Quatro pernas de manhã: os bebés, que gatinham no início da vida.

Duas pernas à tarde: os jovens e adultos, que caminham de pé.

Três pernas à noite: os mais velhos, que precisam de uma bengala para se apoiar.

Pois 'tá claro que «humanos» era a resposta certa!

O Troll concordou e deixou-o passar.

Sicoruca retomou o caminho — não tardaria a chegar à cidade de ZZZZ, onde ia poder consultar a blupédia e aprender como se encontra um coração!

Mas, quanto mais se aproximava, mais estranho se sentia. Pensava na Família, no Lobo, na Baleia...

Sicoruca sentiu... Saudades!

E foi assim que Sicoruca descobriu o seu coração.

*Esta história foi escrita no dia 17 de Maio de 2025, durante a festa de aniversário do Luca, na Fábrica da Pólvora de Barcarena.*